

MULHERES DO IFSC

1º SEMESTRE/2016

EDIÇÃO Nº 1

CARTA AO LEITOR

Esta é a nossa primeira zine realizada e dedicada às mulheres, e nessa carta tentarei explicar um pouco cada uma de nossas seções.

A seção “Elas na ciência” é o espaço dedicado às entrevistas com as mulheres do Instituto; podendo elas serem graduandas, professoras, doutorandas, entre outros.

Já a área denominada “Arte da alma científica” é destinada para que as mulheres possam divulgar suas outras habilidades, expressas, por exemplo, por meio de tirinhas, poemas ou desenhos.

O “Artigo do mês” é o local em que se pode escrever sobre mulheres que nos inspiram.

O “Meu ingresso no Instituto” tem por

finalidade mostrar o depoimento, contando sobre as impressões e dificuldades ao entrar no IFSC.

Já a “Divulgação científica” tem por objetivo promover as chances de estágios, cursos, entre outras oportunidades, dentro e fora do IFSC.

Por último, a seção “Quem somos” foi feita para poder apresentar o grupo Mulheres do IFSC.

Espero muito que vocês gostem da zine. Aproveitem!

(Autoria: Cristiane London)

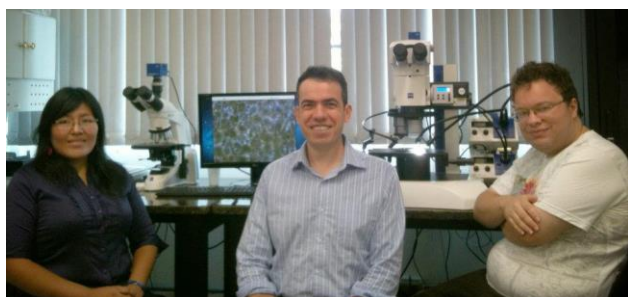
QUEM SOMOS?

Mas afinal, quem somos nós, Mulheres do IFSC? Acima de tudo, somos mulheres. Quer dizer que somos descendentes das bruxas queimadas, das autoras “anônimas” da história, das alquimistas, de Marie Curie e de Jocelyn Burnell, enfim, de todas as que não se conformaram com seu papel tradicional na sociedade. Como Mulheres do IFSC, somos mais do que descendentes, somos herdeiras desse legado. Nós temos como missão continuar desvendando a natureza, ou seja, fazendo Ciência. Somos mulheres que querem usar a Ciência como ferramenta modificadora, mostrando que somos e continuaremos presentes no mundo acadêmico. Somos graduandas, pós graduandas, professoras e futuras alunas que se unem com um propósito: desenvolver ciência - e, principalmente, ser reconhecidas por isso.

(Autoria: Gabriela Righetto)

MEU INGRESSO NO IFSC

Meu nome é Jeaneth Machicao, sou peruana formada em bacharelado de Engenharia de Sistemas com ênfase em ciências da computação. Eu fui admitida no mestrado da pós-graduação no IFSC em 2011, na opção de Física Computacional orientada pelo Prof. Dr. Odemir Martinez Bruno, e atualmente sou candidata a doutorado na linha de pesquisa de reconhecimento de padrões e teoria do caos. Este aqui será o meu depoimento sobre meu ingresso no IFSC, que acredito será de ajuda aos que pretendem tornar-se “estrangeiros” fazendo graduação, pós-graduação ou intercâmbios em outros países.



Da esquerda à direita. Jeaneth M., Prof. Odemir, Anderson M. no laboratório do IFSC.

- Por que decidiu fazer pós-graduação? Fazer pós-graduação foi algo que estava sondando na minha cabeça desde o ano 2009 durante o desenvolvimento da minha TCC. Escolhi a USP, pois vários professores da faculdade tinham voltado de esta casa de estudos. Além disso, a USP está dentro do ranking de melhores universidades do mundo. Em 2010 postulei e fui selecionada tanto no IFSC como no ICMC. Optei pelo IFSC por ter conceito 7 CAPES e porque me permitiria praticar a multidisciplinaridade, muito importante hoje em dia.

- Foi difícil ingressar no IFSC? O IFSC tem um exame de seleção que consta de 50% de fundamentos de física e 50% da área de computação. Na prova do IFSC tive de me esforçar em dobro, pois não tinha domínio nos quesitos de mecânica e eletromagnetismo. Devo ressaltar que graças ao convênio entre ambas as universidades eu pude prestar o exame na minha cidade.

- Como foi sua mudança para São Carlos? Cheguei, com mais um amigo, na cidade de São Carlos numa Terça 11 de fevereiro de 2011, após uma viagem cansativa de avião. Só lembro da emoção, da adrenalina, o calor, o cansaço e sono. Logo, durante os dois primeiros dias, tive de arrumar minha situação legal no Brasil, tirar RNE, tirar CPF, ir à polícia federal, etc. e fiquei na casa de uma

amiga que conheci por meio de um professor e tempo depois procurei uma kitnet.

- Qual foi sua impressão do IFSC? Após conhecer meu orientador, que não tinha visto antes, aí começou tudo! Minha primeira tarefa, pesquisar sobre autômatos celulares. Pois bem, eu tive de mudar um pouco a minha linha de pesquisa que, no final das contas, resultou mais frutífera.

Fiquei muito emocionada com o campus e a infraestrutura da USP sobre tudo, o sistema de acesso a revistas e bibliotecas são muito bons. Fiquei chocada com os projetos de pesquisa em que está envolvido o IFSC, e os laboratórios tão avançados. Também devo salientar que, em geral, todos os funcionários e pessoal da USP são muito amáveis e gentis, e eu percebi desde o primeiro dia que cheguei ao Brasil.

- Como foram seus primeiros dias de aula? Pessoalmente, foi um pouco chocante, eu tinha muito receio, ficava pensando em quantas noites teria de virar para poder ficar no nível dos outros e conseguir acompanhar as matérias. Eu me sentia em desvantagem, e me esforcei muito para poder sobressair e tirar boas notas, era preciso. Embora, a minha formação de graduação foi muito importante, pois depois esse temor foi diminuindo ao seguir o ritmo de estudo dos professores e dos meus colegas.

- O que você acha das bolsas institucionais? Eu fiquei um semestre inteiro sem bolsa. Foi difícil, assim como já não queria incomodar os meus pais. Na época, por meio de um veterano do IFSC consegui que me hospedassem no alojamento do CAASO. Já no segundo semestre consegui bolsa FAPESP e atualmente, no doutorado consegui bolsa institucional da CAPES.

Os meus pais estão muito orgulhosos de mim, mais ainda porque sou a caçula, única filha mulher, e a única da família que já conheceu vários países. Eu acho, pessoalmente insólito, que apesar da minha mãe não ter terminado o ensino básico sempre me apoiou para me realizar profissionalmente.

ELAS NA CIÊNCIA- ENTREVISTA COM BETTI HARTMANN

M: Quando você começou a se interessar por Física e por quê?

Betti: Na escola eu gostava muito de Matemática, gostava muito de fazer cálculos, coisas com isso. E depois eu vi como era a Matemática na Universidade e não gostei porque é muito teórica, porque eu gosto muito de fazer uma coisa que na verdade é no papel (cálculos). Então decidi na Universidade fazer Física. Eu queria fazer mais coisas sobre energias alternativas e depois me interessei por buracos negros, relatividade geral, então isso é mais ou menos a história. Porque lá (na Alemanha), a Física Teórica é muita Matemática, então eu gosto de fazer isso.

M: Quais foram as dificuldades que você enfrentou a partir do momento que você falou “vou fazer Física”, em geral e como mulher?

Betti: Em geral, eu preciso dizer que não tive muitos problemas nos meus estudos na universidade porque estive lá, fiz minha graduação, e depois já tive a oportunidade de fazer um doutorado porque tive uma professora física. Ela me falou que gostava muito do meu trabalho e que gostaria de me ter como doutoranda. Como uma mulher na Física eu não tive problemas antes do pós-doutorado. Depois, é muito difícil como uma mulher ter um emprego permanente, especialmente na Alemanha. Eu não sei exatamente por quê, eu não entendo bem, porque lá na Alemanha tem muita mulher na Física. Eu tive um emprego lá e para mim foi muito difícil ter um emprego melhor de professor. Todo mundo falava ‘seu trabalho é muito bom, você faz boa pesquisa, faz bem as aulas, mas então, você não pode fazer uma coisa a mais.’ E acho que na Alemanha é muito presente na sociedade que a mulher não pode fazer física. Parece-me que aqui (Brasil) é mais aberto, na Alemanha é horrível. Antes do doutorado não tive problemas, porque minha orientadora foi uma mulher, então para mim foi mais fácil com ela. Se você tem um doutorado ou um pós-doutorado, você depende das pessoas, então você não é tão perigoso para elas. Se você está mais alto, é mais difícil aceitar que tem uma mulher no mesmo nível que nos homens.

M: Por que você escolheu vir para o Brasil fazer Física?

Betti: Então, eu tenho diferentes razões para isso. Primeira coisa, é que tive uma posição lá na Alemanha, mas não gostei das coisas lá porque tive a impressão de que não podia me desenvolver (evoluir) e acho que no Brasil é muito mais fácil no momento. Eu acho a USP muito, muito boa e acho que no instituto as pessoas são muito boas. Eu tenho a impressão que posso desenvolver (evoluir) aqui, isso é muito importante para mim, ter a independência de poder me envolver, tem medidas que eu quero fazer e lá na Europa tem muita restrição ao que você quer desenvolver.

M: Você é professora, certo? Por que você escolheu ensinar Física?

Betti: Porque professora precisa fazer pesquisa e também ensinar. Gosto de fazer pesquisa. Mas, para mim, ensinar é muito importante também, porque as coisas que posso falar com os alunos são diferentes do que posso falar com os outros pesquisadores e, para mim, ajuda a abrir as coisas e saber o que há do outro lado. Eu gosto muito de ensinar, acho que para mim não é uma coisa que vai só em uma direção, mas acho que vai muito na direção do aluno. Acho muito importante ter a ideia de que pesquisa e ensino é uma unidade. O problema é que muitas pessoas não pensam sobre isso e só gostam de fazer a pesquisa, com certeza porque se você quer um emprego, uma posição na Universidade, é importante que haja muita pesquisa. Para mim, é importante deter contato com os alunos.

M: Você poderia falar um pouco da sua área de pesquisa?

Betti: Eu faço pesquisa sobre buracos negros e cosmologia. Grande área é de sólitons e suas soluções não lineares. Novamente você precisa de um computador pra fazer resultados. Há muita aplicação sobre isso na gravidade, na cosmologia, depende. Já fiz sobre uma aplicação na biofísica. Isso é a grande área, fenômenos não lineares.

M: Muito obrigada pela entrevista!



(Betti Hartmann; fonte: Jacobs University)

ARTIGO DO MÊS – Ciência no deserto



Maria Reiche Neumann, conhecida como "A Dama das Pampas", foi uma cientista apaixonada pela matemática, geografia, pedagogia e arqueoastronomia, nascida em 15 de Maio de 1903 em Dresden, Alemanha. Marie Reiche chegou ao Peru aos 29 anos, onde começara trabalhando como pedagoga, e tradutora assistente. Posteriormente, a partir de 1939 até sua morte em 1998, Maria Reiche dedicou sua vida ao estudo e preservação das "linhas de Nasca", estimulada pelo arqueólogo americano Paul Kosok, com quem realizara uma expedição rumo ao deserto na região de Nasca ao sul do Peru [1].

Na sua chegada para Nasca, Reiche realizou estudos cartográficos das linhas. Estes misteriosos geoglifos desenhados sobre a superfície do deserto, que teriam sido criados entre 200 AC e 600 AC pela cultura Nasca, adquiriam caprichados padrões zoomórficos e geométricos quando observadas via aérea, pois muitas destas mediam mais de 140 metros de comprimento [2]. Durante sua pesquisa, ela revelou novos desenhos e tentou estabelecer um modelo de mensuração. Reiche estudou a simetria e proporções dos traços entre os vários elementos conjecturando a teoria do Calendário astronômico, baseada nos alinhamentos solares, lunares, ou estelares com os quais coincidiam. Embora, pesquisas posteriores realizadas pelo cientista Gerald Hawkins tornaram improvável uma finalidade astronômica significativa.



Durante os 50 anos de pesquisa, Maria Reiche publicou vários livros, entre os que destacam: "Mystery on the Desert" [2] e "Contribuição à geometria e astronomia do Peru antigo" publicado em 1993 (quando ela tinha 90 anos de idade) que consta de 40 artigos e manuscritos de sua pesquisa [3]. Além disso, foi agraciada com diversas premiações, como a Ordem de Mérito, a Ordem do Sol no mais alto grau de Grande Cruz. Ela recebeu a medalha de Machu Picchu, atribuído pela UNESCO, e com a Ordem ao Mérito pelos Serviços distinguidos, e em 1992, declarada cidadã peruana. Graças ao seu compromisso intenso e suas tentativas de fazer esses geoglifos mais conhecidos, Maria Reiche contribuiu à preservação destas, pois atualmente as linhas de Nasca são patrimônio da humanidade.

[1]Asociación Maria Reiche. <http://www.maria-reiche.org/>

[2] Reiche M. (1969) Mystery on the Desert (Eigenverlag) Stuttgart

[3] Reiche M. (1993) Contribuciones a la geometría y astronomía en el antiguo Perú. Asociacion Maria Reiche para las líneas de Nasca, Lima

(Autoria: Jeaneth Machicao)

ARTE DA ALMA CIENTISTA



(Autoria: Anônimo)



“Psycho-Pass : Réplica da Dominator” (Autoria: Jessica Dipold)

Ilha

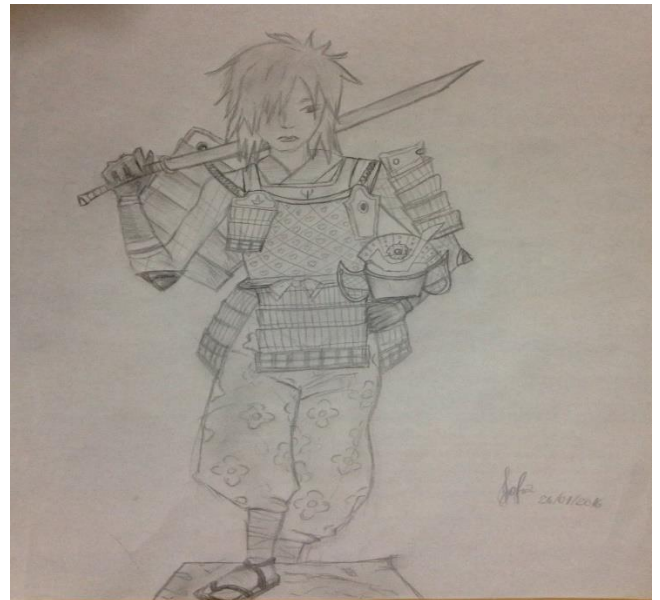
Apenas as éguas selvagens
cortam o vento.

Guerrilhas, generais, paixões
isso não pertencia a mim
é assunto das nuvens

Sonhei com o mar.

Por um instante no útero-mãe
não me importava se chovia.

(Autoria: Beatriz Bolini)



(Autoria: Sofia Meirelles)

Você consegue imaginar a imagem abaixo sendo realidade?



Não?

É por isso que precisamos do feminismo.
Lutamos para mostrar que somos capazes, que
somos iguais. Merecemos ser tratadas com respeito
e o mesmo prestígio. Não nos diminua por nosso
gênero. Gênero não define inteligência.

(Autoria: Hingryd)

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

- Bolsa de pós-doutorado pelo Ciências sem Fronteiras para o Laboratório de Nano Óptica do departamento de Física da UFPE. Projeto: “Optical Nano- & Quantum Probes for Studying Local System- Reservoir Interactions” Bolsa pela CAPES de R\$4100,00 por mês + a passagem aérea para Recife + possível auxílio à pesquisa de R\$1000,00 por mês pela FACEPE Pré-requisito: Doutorado finalizado em óptica experimental ou afim Contato: Prof. Leonardo Menezes (lmenezes@df.ufpe.br) / <http://blogs.df.ufpe.br/~lmenezes>
- Bolsa de iniciação científica/estágio/mestrado no Grupo de Óptica do Instituto de Física de São Carlos (IFSC) – USP Contato: (fer.nanda.rp@hotmail.com) (luciana.de.matos@gmail.com) (fatimayas@uol.com.br) Obs: Enviar currículo ou breve resumo da experiência acadêmica e/ou profissional.



ESPECIAL SEMANA DE RECEPÇÃO

Parabéns bixos e bixetes por esta conquista! Agora vem a melhor parte: a vida de universitário. Aproveitem cada segundo da sua graduação para amadurecer, crescer e aprender. Não deixem que impeçam a realização dos seus sonhos. SEJAM BEM VINDOS AO IFSC USPIANOS!

Nós, Mulheres do IFSC, estamos aqui para ajudar, você mulher (cis, trans ou seja o que for), a enfrentar a essa vida universitária que não é nada fácil. Caso tenha problemas acadêmicos ou pessoais de qualquer ordem, procure-nos!

Caso você que está lendo e não seja mulher, mas está curioso para saber sobre projetos e atividades do grupo de frente feminista do IFSC nos procure também!

Boa sorte nesta nova jornada!! 🤖



(Autoria das imagens: Jacque Garutti)

EI, VOCÊ, TÁ AFIM DE CONTRIBUIR COM NOSSA ZINE? MANDE UM EMAIL PARA mulheresdoifsc@gmail.com !